



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, COM ÊNFASE EM
ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO**

NAÍZA IZABEL SOARES DE PONTES

**ANÁLISE DOS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NAS ATIVIDADES DE
PRODUÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E GESTÃO NO SALÃO DO ARTESANATO
DE CUITÉ/PB**

**Cuité - PB
2017**

NAÍZA IZABEL SOARES DE PONTES

**ANÁLISE DOS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NAS ATIVIDADES DE
PRODUÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E GESTÃO NO SALÃO DO ARTESANATO
DE CUITÉ/PB**



Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos, com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano da Universidade Federal de Campina Grande, como pré-requisito para obtenção do título de especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Crislene Rodrigues da Silva Morais

**Cuité - PB
2017**

IUFMG/BIBLIOTECA



Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

P814a Pontes, Naiza Izabel Soares de.

Análise dos princípios da economia solidária nas atividades de produção, comercialização e gestão no salão do artesanato de Cuité - PB. / Naiza Izabel Soares de Pontes. – Cuité: CES, 2017.

39 fl.

Monografia (Especialização em educação de jovens e adultos com ênfase em economia solidária no semiárido paraibano) – Centro de Educação e Saúde / UFPG, 2017.

Orientadora: Crislene Rodrigues da Silva Moraes.

1. Economia solidária. 2. Artesanato. 3. Comércio solidário.
I. Título.

Biblioteca do CES - UFPG

CDU 330.873

NAÍZA IZABEL SOARES DE PONTES

**ANÁLISE DOS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NAS ATIVIDADES DE
PRODUÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E GESTÃO NO SALÃO DO ARTESANATO
DE CUITÉ/PB.**

Data da aprovação: ____ / ____ / ____

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Crislene Rodrigues da Silva Morais (Orientadora / UFCG)

Profa. Dra. Isis Tatiane de Barros Macêdo Veloso (Examinadora / UFCG)

Profa. Dra. Marina Elizabeth Dias Altides (Examinadora / IFPE)

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu a graça de superar as dificuldades que culminaram na conclusão desta especialização.

A meus pais que me deram a vida e sempre estiveram ao meu lado, comemorando cada batalha vencida frente as adversidades.

A meu esposo, João Tavares companheiro de todas as horas e maior incentivador.

A meus filhos Jonathan e João Henrique, tesouros da minha vida, essa vitória é dedicada à vocês.

Ao corpo docente do curso, pela disponibilidade e atenção.

A minha orientadora Profa. Dra. Crislene Rodrigues da Silva Moraes, por ter aceitado me orientar e acreditado no meu potencial.

Aos meus colegas por tudo que passamos juntos, momentos difíceis e de conquistas que contribuíram para o nosso crescimento pessoal e profissional.

Ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e a Secretaria de Assistência Social.

Aos artesãos do Salão do Artesanato que dispensaram atenção e disponibilidade em responder o formulário apresentado, tornando possível este trabalho.

A Rogério Santos Lima, pela contribuição e atenção.

A banca, pelo convite aceito para avaliação do presente trabalho, nas pessoas da Profa. Dra. Isis Tatiane de Barros Macêdo Veloso, Profa. Dra. Marina Elizabeth Dias Altides.

A todos meus familiares e amigos que contribuíram direta ou indiretamente na conclusão desta etapa.

RESUMO

O artesanato exerce papel fundamental na geração de renda, contribuindo significativamente na melhoria da qualidade de vida e assumindo papel de destaque como estratégia de desenvolvimento local. O Salão do Artesanato de Cuité/PB, caracteriza-se como ponto de referência para a venda do artesanato produzido por um grupo informal de artesãs e artesão, os quais em parceria com a prefeitura municipal realizam um trabalho de fomento e fortalecimento do empreendimento. Nesta perspectiva, este trabalho tem por objetivo identificar princípios da economia solidária na produção, comercialização e gestão do empreendimento. Caracterizando-se como uma pesquisa descritiva e exploratória de caráter qualitativa/quantitativa. Foi aplicado um formulário ao público alvo da pesquisa, entrevistas com indivíduos que coordenaram o grupo com a finalidade de melhor entendimento, contextualização histórica e revisões bibliográficas do tema proposto. A análise dos dados obtidos foi feita com enfoque no contexto histórico, perfil socioeconômico do grupo e no comércio justo e solidário. A partir dos resultados obtidos na análise, verifica-se vários princípios da economia solidária que estão relacionados a comercialização e relações estabelecidas pelas artesãs e artesão, como solidariedade, valorização do ser humano, cooperação e democracia. Perfazendo a necessidade da reeducação do grupo, quanto ao individualismo e competitividade, práticas comuns do sistema capitalista, através de cursos e capacitações que os inteire da prática da Economia Solidária e auto-gestão, com a finalidade do fortalecimento, empoderamento e desenvolvimento humano e social.

Palavras-chave: economia solidária, artesanato, comércio justo e solidário.

ABSTRACT

Handicraft plays a fundamental role in income generation, contributing significantly in improving the quality of life and assuming a prominent role as a strategy for local development. The Salon of Crafts of Cuité/PB, is characterized as a point of reference for the sale of crafts produced by an informal group of artisans and artisans, which, in partnership with the municipal government, carry out a work of development and strengthening of the enterprise. In this perspective, this work aims to identify principles of solidarity economy in the production, marketing and management of the enterprise. Characterized as a descriptive and exploratory research of character qualitative/quantitative. A form was applied to the research target audience, interviews with individuals who coordinated the group for the purpose of better understanding, historical contextualization and bibliographical reviews of the proposed theme. Data analysis obtained was made with a focus on the historical context, socioeconomic profile of the group and on the fair trade and solidarity. From the results obtained in the analysis, there are several principles of solidarity economy that are related to marketing and relationships established by the artisans and artisans, as solidarity, valuing the human being, cooperation and democracy. Realizing the need for the re-education of the group, regarding the individualism and competitiveness, common practices of the capitalist system, through courses and training that makes them aware of the practice of Solidarity Economy and self-management, with the purpose strengthening, empowerment and human and social development.

Keywords: solidary economy, crafts, fair and solidary trade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto externa da Casa do Artesão	22
Figura 2 - Foto externa do Salão do Artesanato Cuité/PB	23
Figura 3 - Salão do Artesanato de Cuité.....	23
Figura 4 - Artesãos da Casa do Artesão.....	24
Figura 5 - Artesãs do Salão do Artesanato.....	25
Figura 6 - Artesãs do grupo	25
Figura 7 - Sexo dos artesãos	26
Figura 8 - Grau de escolaridade.	27
Figura 9 - Faixa etária dos artesãos.	27
Figura 10 - Tempo de participação no grupo.....	28
Figura 11 - Participação em outros grupos, associação, cooperativas.....	28
Figura 12 - O artesanato como principal fonte de renda.	29
Figura 13 - Dificuldade ou problema enfrentado pelo grupo para a consolidação do empreendimento	30
Figura 14 - Participação em cursos de formação	32
Figura 15 - Necessidades do empreendimento	32

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Respostas dos indivíduos que se sentem valorizados pelos colegas e comunidade	31
--	----

LISTA DE SIGLAS

CJS - Comércio Justo e Solidário

CRAS - Centro de Referência da Assistência Social

EES - Empreendimentos Econômicos Solidários

GCRs - Grupos de Consumo Responsável

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPI - Imposto sobre Produtos Industrializados

MTE - Ministério do Trabalho e Emprego

PB - Paraíba

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAES - Secretaria Nacional de Economia Solidária

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO POLÍTICA SOCIAL	11
2.2 PRÍNCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA	12
2.3 COMÉRCIO JUSTO E SOLIDÁRIO	14
2.3.1 O Comércio Justo e Solidário – Sustentabilidade	14
2.3.2 O Artesanato e a Economia Solidária	18
3 METODOLOGIA	21
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	21
3.2 INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	21
3.3 CARACTERIZAÇÃO DO SALÃO DO ARTESANATO	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
4.1 HISTÓRIA DO SALÃO DO ARTESANATO	24
4.2 PERFIL SÓCIOECONÔMICO DAS ARTESÃS E ARTESÃO DO SALÃO DO ARTESANATO.....	26
4.3 COMERCIALIZAÇÃO NO SALÃO DO ARTESANATO E O COMÉRCIO JUSTO E SOLIDÁRIO.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICE (A)	38
APÊNDICE (B)	39

1 INTRODUÇÃO:

Na economia solidária é estabelecido vínculos que priorizam a valorização dos saberes e potencialidades das pessoas envolvidas, como também o potencial local e regional, com a possibilidade de desenvolvimento de atividades econômicas viáveis e sustentáveis.

As relações estabelecidas na economia solidária são mediadas por princípios que a fundamentam, os indivíduos envolvidos nem sempre conhecem e/ou sabem conceitua-la, no entanto, a vivência, o cotidiano e ações dão um parecer da prática que dignifica, emancipa e liberta. Através de princípios como solidariedade, democracia, cooperação, valorização, emancipação, justiça social, centralidade, auto-gestão, preservação ambiental praticados pode-se identificar um empreendimento solidário, não necessariamente por meio de regras, mas, da transformação humana, socioeconômica e política que se consolidam e estão direcionadas para o coletivo e o bem-comum.

De acordo com Zacarias (2009), os atuais padrões de produção e consumo são injustos socialmente e insustentáveis ecologicamente.

Focado numa perspectiva de sustentabilidade e justiça social, os Empreendimentos Econômicos Solidários vislumbram no comércio justo e solidário estabelecer relações de equidade e solidariedade, buscando através da ajuda mútua, o desenvolvimento das pessoas e da comunidade.

O artesanato apresenta-se como principal fonte de renda para muitas famílias, agregando valor cultural e social, que o diferencia do produto industrial.

É neste contexto que propomos esta pesquisa, a qual visa identificar o perfil e a percepção dos indivíduos de um grupo de artesãs e artesãos e suas potencialidades, levantando prioridades, necessidades, dificuldades advindas da gestão e demais atividades executadas, quer seja socialmente, economicamente, politicamente, para o empoderamento, desenvolvimento e crescimento das pessoas e do empreendimento. É visualizado também a divulgação dos conceitos e princípios da Economia Solidária junto ao grupo do Salão do Artesanato de Cuité/PB, priorizando o conhecimento dessa proposta como uma prática real e possível, sanando falhas advindas do capitalismo como desemprego e exclusão social.

Segundo Singer (2013), a economia solidária é um modo de produção que se notabiliza pela resiliência aos efeitos das quedas do consumo e da produção, que a instabilidade financeira provoca periodicamente.

O objeto de estudo desta pesquisa, trata-se do Salão do Artesanato Maria José Barros de Andrade (ZETE), que se apresenta como ponto de referência para a comercialização do artesanato cuiateense.

Apresentando-se como objetivo, identificar princípios da Economia Solidária na produção, comercialização e gestão do empreendimento. Tendo como objetivos específicos, as seguintes prerrogativas: Diagnosticar o perfil socioeconômico do grupo de artesãos e artesãs; apontar características que definam como se realiza a comercialização no Salão do Artesanato.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO POLÍTICA SOCIAL

O capitalismo é um sistema excludente e de poucos, em que a grande massa permanece à margem da sociedade. A economia solidária surge nesse cenário como uma alternativa em que os excluídos tem oportunidade de se colocar na sociedade como indivíduos que contribuem para o crescimento econômico, proporcionando inclusão social e devolvendo-lhes a dignidade.

De acordo com Singer (2003, p.13) a economia solidária surge como modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho.

Para o mesmo:

A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade... (SINGER, 2002a).

A Economia Solidária visa inserir indivíduos que se encontram excluídos no sistema capitalista, assegurando inclusão social e autonomia econômica. Nesse contexto, as incubadoras universitárias vêm promover ações e formação para as atividades a ser desenvolvido por grupos informais, associações, cooperativas, etc.; reintegrando-os e possibilitando condições necessárias para o desenvolvimento econômico e social e de inserção desses indivíduos no mercado de trabalho.

Arruda (2005) afirma que, a economia solidária promove a educação não como fim em si, mas como via de empoderamento dos educandos para tornarem-se gestores competentes dos seus empreendimentos cooperativos e sujeitos do seu próprio desenvolvimento pessoal, comunitário e social.

Conforme Portaria Ministerial nº 30, de 20 de março de 2006 define-se como Empreendimento Econômico Solidário as organizações que possuem as seguintes características (SENAES,2013).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

a) Coletivas - consideradas as organizações supra familiares, singulares e complexas, tais como: associações, cooperativas, empresas autogestionárias, grupos de produção, clubes de trocas, redes e centrais etc.;

b) Participantes - cujos participantes ou sócios (as) são trabalhadores (as) dos meios urbano e rural que exercem coletivamente a gestão das atividades, assim como a alocação dos resultados;

c) Permanentes - incluindo os empreendimentos que estão em funcionamento e aqueles que estão em processo de implantação, como grupo de participantes constituído e as atividades econômicas definidas;

d) Situação - que disponham ou não de registro legal, prevalecendo a existência real;

e) Atividades econômicas - que realizam atividades econômicas de produção de bens, de prestação de serviços, de fundos de crédito (cooperativas de crédito e os fundos rotativos populares), de comercialização (compra, venda e troca de insumos, produtos e serviços) e de consumo solidário.

2.2 PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Os princípios da economia solidária estão fundamentados nas primeiras experiências de cooperativismo no século XIX na Inglaterra e França, com destaque aos pioneiros de Rochdale que são percussores e que obteve sucesso no seu empreendimento em 1844, que era pautado nos seguintes princípios:

Adesão livre e espontânea; neutralidade política e religiosa; prática da democracia pura, onde uma pessoa representava apenas um voto; eliminação do lucro mercantil, com a devolução das sobras proporcionalmente às operações de cada um; retribuição ao capital com juros limitados; vendas à vista dos bens de consumo; fomento à educação, para preparar as gerações futuras e garantir a continuidade do sistema (OLIVEIRA, 1979).

Dentre os princípios da Economia Solidária pode-se citar: Solidariedade; auto-gestão, democracia, cooperação, centralidade, valorização, emancipação, justiça social, preservação ambiental; conforme citado no primeiro curso de formação da Incubadora Universitária de Cuité – Polo IV. A auto-gestão é uma característica típica dos empreendimentos solidários, em que todos discutem e tomam decisões cabíveis e viáveis para o fortalecimento do grupo.

As cooperativas e associações são as percussoras da economia solidária, que desde o século passado se destacam como alternativa no enfrentamento da miséria, da marginalização e da sobrevivência incutida no sistema capitalista e que não abriga o contingente de indivíduos que tendem entrar no mercado de trabalho, desencadeando altas taxas de desemprego e exclusão social e econômica.

De acordo com Rodríguez (2005, p. 335), [...] as cooperativas de trabalhadores visam superar a divisão entre capital e trabalho - e o esquema de propriedade individual e a administração hierárquica que a acompanham - características das empresas convencionais.

Os princípios que permeiam a economia solidária provêm das cooperativas que estão fundamentadas no coletivismo, auto-gestão e democratização.

Conforme, Culti (2007),

O conceito utilizado como parâmetro de referência para identificar os empreendimentos girou em torno de oito princípios, que estariam internalizados na compreensão e na prática das experiências associativas: autogestão, democracia, participação, igualitarismo, cooperação, auto sustentação, desenvolvimento humano e responsabilidade social. Sendo que a economia solidária agrega ainda a inclusão social.

O cooperativismo e o associativismo tendem a oferecer vantagens para o grupo como: aumentar os rendimentos e ganhos dos associados; permitir a aquisição de produtos de melhor qualidade com melhores preços e condições de pagamento; alcançar no mercado o preço justo para seus produtos e serviços; reduzir os custos de transporte; poder promover (feiras e exposições) e divulgar (propaganda) seus produtos no mercado interno e externo; facilitar a obtenção de linhas de crédito; obter um foco maior no cliente; facilitar o acesso à informação e cursos de capacitação, que podem ser promovidos por instituições governamentais, de apoio e do terceiro setor.

2.3 COMÉRCIO JUSTO E SOLIDÁRIO

2.3.1 O Comércio Justo e Solidário – sustentabilidade

O comércio justo e solidário vem implementar as políticas adotadas na economia solidária, dando segmento as práticas já realizadas, tendo por objetivo o marketing, o escoamento da produção e o consumo responsável.

Segundo a Faces do Brasil (2008), entende-se por comércio justo e solidário,

O fluxo comercial diferenciado, baseado no cumprimento de critérios de justiça e solidariedade nas relações comerciais que resulte no protagonismo dos Empreendimentos Econômicos e Solidários (EES) por meio da participação ativa e do reconhecimento da sua autonomia.

São características do CJS (comércio justo e solidário), conforme a Faces do Brasil (2008).

- a) A existência de relações comerciais mais justas, solidárias, duradouras e transparentes;
- b) A corresponsabilidade nas relações comerciais entre os diversos participantes na produção, comercialização e consumo; a valorização nas relações comerciais, da diversidade étnica e cultural e do conhecimento das comunidades tradicionais;
- c) A transparência nas relações comerciais, na composição dos preços praticados e na elaboração dos produtos, garantindo acesso a informação acerca dos produtos, processos, e organizações que participam do CJS).

Sendo a comercialização o principal entrave ou problema dos EES, o CJS tem por objetivo agregar valor, certificando o produto ou serviço como sustentável e justo nas relações de trabalho, diferenciando-se da comercialização tradicional que gera um consumo desenfreado, centrado no lucro excedente.

De acordo com a Faces do Brasil (2008), o CJS tem como objetivos:

- I) Promover o desenvolvimento sustentável, a justiça social, a soberania, e a segurança alimentar e nutricional;

- II) Garantir os direitos dos (das) produtores (ras) e consumidores (ras) nas relações comerciais;
- III) Fortalecer a cooperação entre produtores - comerciantes - consumidores e suas respectivas organizações para aumentar a viabilidade, reduzindo riscos e dependências econômicas;
- IV) Promover a autogestão; equidade de gênero, étnica e de gerações; garantir a remuneração justa do trabalho; a valorização preservação do meio ambiente, com ênfase na produção de produtos de base agroecológica e das atividades do extrativismo sustentável.

Com a assinatura em 2010 do decreto que institui o Sistema Brasileiro de Comércio Justo e Solidário, o qual reúne as entidades brasileiras que se dedicam ao comércio justo e vai gradativamente englobando os EES, à medida que estes vão se desenvolvendo. O ponto de estrangulamento, tem sido a dificuldade de acesso a mercados, vai sendo gradativamente superado conforme se amplia a comercialização dos produtos da economia solidária em feiras.

Outra maneira de romper as barreiras à comercialização tem sido a multiplicação dos grupos de consumo responsável (GCRs), que cultivam contatos permanentes entre produtores e consumidores permitindo que as possibilidades e necessidades de uns e de outros se conheçam e se amoldem para a satisfação mútua. Ao mesmo tempo, um sistema de finanças solidárias formado por bancos comunitários de desenvolvimento, fundos rotativos solidários e cooperativas de crédito vem sendo desenvolvido, nos últimos quinze anos (SINGER 2013).

O Ministério do Trabalho e Emprego e a SENAES (2013), define os critérios à serem considerados para o reconhecimento de práticas de comércio justo e solidário, os quais estão agrupados em dois tipos: a) critérios da garantia organizacional e b) critérios da garantia relacional.

a) Conforme os critérios da garantia organizacional devem ser observados as seguintes prerrogativas para o reconhecimento de um EES-CJS;

I) Ser uma organização coletiva, de caráter supra familiar, singular ou complexa, cujos os participantes ou sócios/as são trabalhadores/as do meio urbano ou rural;

II) Ser uma organização autogestionária, gerida democraticamente;

III) os participantes ou sócios/as dessas organizações devem exercer coletivamente a gestão das atividades econômicas e dos seus resultados, cumprindo o seu estatuto e/ou regimento interno no que se refere a uma administração transparente e democrática;

IV) Liderança (representante) deve ser escolhida de forma democrática;

V) Ser uma organização permanente, considerando tanto os empreendimentos que estão em funcionamento quanto aqueles que estão em processo de implantação, desde que o grupo esteja constituído e as atividades econômicas definidas;

VI) Realizar atividades de natureza econômica, que devem ser a razão primordial da existência da organização;

VII) Distribuir os resultados financeiros da atividade econômica proporcionalmente à produção ou trabalho realizado, mediante negociação entre seus integrantes;

VIII) Ter seus integrantes direta ou preponderantemente envolvidos em sua atividade produtiva;

IX) Ter administração transparente e democrática garantido a soberania da assembleia e a singularidade de voto dos sócios;

X) Não tolerar a exploração do trabalho infantil forçado e perigoso com menores de 16 anos em qualquer atividade relacionada ao empreendimento;

XI) Respeitar, nas atividades de produção, fabricação ou execução de produtos/serviços todos os requisitos de segurança e salubridade para aqueles/as que as desenvolvam.

b) Para os critérios da garantia relacional (relação comercial justa e solidária), serão consideradas a diferenciação nas relações entre dois EES-CJS e em relação entre um EES-CJS e um parceiro comercial no qual será observado primeiramente a Relação entre EES-CJS fornecedor e EES-CJS comprador; estando pautada no seguinte:

I) Que na composição do preço prevaleçam relações de transparência, equilíbrio e respeito entre as partes;

II) Os EES/CJS recebam um preço justo pelos seus produtos e/ou serviços;

III) Que a venda sob consignação deve ser praticada somente de comum acordo entre os EES/CJS envolvidos;

IV) Que se construam relações de longo prazo entre EES fornecedor e EES comprador;

V) Que o EES/CJS comprador, dentro do seu estabelecimento comercial ou em sítio da rede mundial de computadores, indique informações sobre os produtos, seu processo produtivo, quem os produziu e sobre o Comércio Justo e Solidário;

VI) Que o EES/CJS comprador não explore a imagem e o conhecimento de comunidades tradicionais para fins de publicidade, sem a devida e expressa autorização das mesmas;

VII) Que na venda para o consumidor final os EES-CJS não pratiquem o uso de técnicas e modelos que deixam os preços abaixo do custo real, para competir ou atingir a participação de outros participantes no comércio justo e solidário. (MTE/SENAES, 2013).

Enquanto a Relação entre EES/CJS e parceiro comercial estabelece o seguinte:

I) A composição do preço deve ser estabelecida de modo transparente entre as partes envolvidas;

II) Devem ser construídas relações de longo prazo entre EES-CJS e parceiro comercial;

III) O parceiro comercial, dentro do seu estabelecimento comercial ou em sítio da rede mundial de computadores, deve indicar informações sobre os produtos, seu processo produtivo, quem os produziu e sobre o Comércio Justo e Solidário;

IV) A venda sob consignação deve ser praticada somente de comum acordo entre o EES/CJS e o Parceiro Comercial;

V) Os EES-CJS não devem praticar uso de técnicas e modelos que deixam os preços abaixo do custo real na venda ao parceiro comercial e consumidor final para competir ou atingir a participação de outros participantes no Comércio Justo e Solidário. (MTE - SENAES, 2013).

As relações econômicas devem estar baseadas em valores humanos e promover bem-estar em a toda sociedade, gerar conhecimentos, oportunidades de trabalho e riqueza, o que não se manifesta apenas através de parâmetros monetários e administrativos (REDE SUSTENTABILIDADE, 2015).

Para o estabelecimento dessa relação de desenvolvimento sustentável, é necessário que se adote estratégias que visem interligar a cadeia produtiva, o consumidor, através de ações que priorizem o comércio justo e o reconheçam como prática de um processo social e

econômico que vem sendo construído desde as políticas adotadas pelos EES. É preciso que o consumidor se aproprie das condições em que o produto à ser consumido foi produzido, agregando-o valor e fomentando a cadeia produtiva.

Leff (2008) afirma que, a sustentabilidade ecológica aparece assim: como um critério normativo para a reconstrução da ordem econômica, como uma condição para sobrevivência humana e um suporte para chegar a um desenvolvimento duradouro, questionando as próprias bases da produção.

2.3.2 O artesanato e a Economia Solidária

Nos conceitos aplicados ao artesanato é percebido os vários aspectos que define atividade, sendo este evidenciado de acordo ao enfoque dado por cada autor. O artesanato surge nesse contexto como uma atividade que agrega valores e que intervêm na melhoria da renda familiar.

De acordo com o Regulamento do Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI (Decreto Nº 7.212, de 15 de junho de 2010, art. 7º, inciso I): O produto de artesanato é aquele proveniente de trabalho manual realizado por pessoa natural, nas seguintes condições: Quando o trabalho não conte com o auxílio ou participação de terceiros assalariados; e quando o produto seja vendido a consumidor, diretamente ou por intermédio de entidade de que o artesão faça parte ou seja assistido.

Para Sandroni (1999) a atividade artesanal esteve presente em toda a história da humanidade, adquirindo feição própria a partir do Neolítico.

O artesanato é uma atividade praticada desde tempos remotos, surgindo da necessidade do homem de produzir utensílios e ferramentas para o trabalho (SEBRAE (2010).

Apresentando-se como uma alternativa que pode contribuir significativamente na renda familiar, agregando valores e inserção social das pessoas envolvidas, já que se trata de indivíduos que estão desempregados, sem perspectivas, baixa auto estima e que se encontram à margem do sistema excludente e competitivo do capitalismo.

O fazer artesanal é uma atividade cultural, na medida em que é construída, transmitida e modificada ao longo do tempo, perpetuando modos de vida, saberes e fazeres de

uma determinada sociedade. É também uma atividade social, dadas as relações sociais e familiares configuradas em torno da atividade. (BRANDÃO ET AL, 2013).

A formação de associações é uma alternativa indispensável para a comercialização, escoamento da produção, fortalecimento e desenvolvimento da atividade e do grupo. A produção de artefatos nos moldes artesanais remonta as mais antigas épocas da sociedade, surgindo a partir do momento em que o homem sentiu necessidade de aperfeiçoar as coisas para o seu uso próprio.

Segundo o SEBRAE 2010, para o Ministério da Cultura, o artesanato enquanto atividade econômica tem por insumo o simbólico, a diversidade e o imaginário cultural brasileiro.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 67% dos municípios no país têm o artesanato presente na economia. (SEBRAE, 2016).

Existem os seguintes tipos de artesanato: artesanato folclórico, artesanato tradicional, artesanato etnografia (produzido por povos indígenas), artesanato arqueológico (objetos antigos, finalidade na época era o uso prático) e artesanato urbano (CHITI, 2003).

A produção artesanal resgata a cultura local e a identidade histórica as quais são reveladas nos objetos e que lhe atribui singularidade e o diferencia dos produtos industrializados.

Para Brandão et al (2013), o artesanato é apontado como processo criativo gerador de valor simbólico que guarda forte relação com a cultura, tradição e identidade do local em que é produzido, sendo considerado como indústria criativa capaz de viabilizar e integrar novas dinâmicas culturais, econômicas, sociais e tecnológicas.

Segundo o Sebrae (2010), a estratégia de concentração é a que mais se adequa ao mercado dos produtos artesanais pois requer um menor investimento com maior retorno; cujo objetivo “ é direcionar a promoção, a comunicação e a venda de um conjunto de produtos, compondo um “mix” dirigido somente a um segmento de mercado.

Os fatores comerciais são apresentados como essenciais para o sucesso dos empreendimentos, que no marketing foram designados como 4Ps (SEBRAE,2010).

1º Produto - linhas próprias com design exclusivo formando famílias ou coleções, correta escolha das matérias-primas, uso de processos e tecnologia apropriada e não poluente, usos e funções claramente definidas e eficazes e valor cultural explícito.

2º Preço - determinado a partir do cálculo dos seguintes componentes: fração de amortização dos investimentos realizados, custo da matéria-prima utilizada, volume de horas de mão de obra empregada e o valor simbólico percebido pelos compradores, dentro de suas expectativas de gasto.

3º Posicionamento - direcionamento dos produtos ofertados a um público bem específico, posicionando-os para a venda em locais frequentados por este mesmo público, realizando vendas casadas com outros produtos que complementem a oferta.

4º Promoção - embalagens adequadas, selo de procedência, elementos de contextualização cultural, displays e pontos de venda projetados em harmonia com os produtos oferecidos, campanhas publicitárias corretamente direcionadas, promoções e ofertas diferenciadas de acordo com as estações do ano ou datas festivas.

A grande maioria dos artesãos, ainda não se sensibilizou para a organização coletiva e solidária, seja em associações ou cooperativas, faltando-lhes planejamento, financiamento e capacitação.

Moesch (2000) afirma que, o turismo é uma complexa combinação de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais.

Dentre as estratégias identificadas na venda do artesanato e do desenvolvimento local pode-se citar o turismo cultural como aliado por estar fortemente interligado a atividade, por promover e priorizar a cultura local, estabelecendo relações econômicas sustentáveis.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A referida pesquisa foi realizada entre os meses de novembro de 2016 a abril de 2017, com característica descritiva/exploratória com o objetivo de relatar e identificar os princípios que regem o empreendimento do grupo de artesãos do Salão do Artesanato de Cuité-PB.

Segundo Gil (2007), as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o esclarecimento de relações entre variáveis.

Primeiramente, foi realizada pesquisa bibliográfica que permitiu ampliar o conhecimento sobre a Economia Solidária, Comércio Justo e solidário, artesanato. Diante da proposta da pesquisa optou-se pela abordagem do método qualitativo/quantitativo.

3.2 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Para a coleta de dados foi utilizado um formulário, que está colocado no apêndice (B) deste trabalho, entrevistas com pessoas que atuaram junto ao grupo anteriormente e os que estão à frente nesta nova etapa do empreendimento visando um melhor entendimento do contexto histórico.

O formulário foi aplicado entre os dias 22 a 30 de março de 2017, aos 10 artesãos que expõem seus trabalhos e são o público alvo desta pesquisa, apresentando 17 questões abertas e fechadas. Foram feitas anotações a respeito das considerações levantadas pelos indivíduos durante a aplicação do formulário através da observação simples e que foi explanada durante a discussão dos resultados e considerações finais.

Embora a observação simples possa ser caracterizada como espontânea, informal, não planejada, coloca-se num plano científico, pois vai além da simples constatação dos fatos (GIL, 2008).

A análise feita foi de caráter qualitativa e quantitativa e os dados organizados em quadro conceitual e gráficos, para melhor entendimento e explanação dos resultados. Foi apresentado

aos participantes da pesquisa o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento (apêndice A).

De acordo com a metodologia aplicada será apresentado os resultados da referida pesquisa da seguinte forma, a princípio foi feito uma explanação sobre o contexto histórico do Salão do Artesanato de Cuité/PB dada pelos entrevistados. Em seguida, o enfoque foi o formulário, apresentando o perfil sócio econômico dos artesãos e artesãs e a relação da comercialização realizada no Salão do Artesanato e o Comércio Justo e Solidário.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DO SALÃO DO ARTESANATO

Percebendo a necessidade da valorização do artesanato produzido por um grupo informal de artesãos de Cuité-PB, a Secretária de Assistência Social, juntamente com a Prefeitura Municipal apoiou a iniciativa dos artesãos na implantação da Casa do Artesão em 2009, funcionando em um prédio locado pela prefeitura. A figura 1, apresenta a imagem da fachada externa, da Casa do Artesão.

Figura 1 - Foto externa da Casa do Artesão



Fonte: Blog Nova Palmeira (2013)

Em 09 de junho de 2014 foi sancionada a lei municipal 993/2014, que o denominou de SALÃO DO ARTESANATO M^a JOSÉ BARROS DE ANDRADE (ZETE), o prédio I – bloco A, do mercado público municipal, situado na esquina das ruas: São Miguel e Floriano

Peixoto, deste município. A figura 2, retrata a fachada externa do Salão do Artesanato de Cuité/PB.

Figura 2 - Foto externa do Salão do Artesanato Cuité/PB



Fonte: Pesquisa direta (2017)

São encontrados diversos trabalhos manuais confeccionados em madeira, vidro, PVC, cipó, sisal, feltro, crochê, tricô, macramê, como: roupas, adornos, tapetes, enfeites para o lar etc. A figura 3, apresenta o interior e alguns trabalhos que são expostos no Salão do Artesanato.

Figura 3 - Salão do Artesanato de Cuité



Fonte: Pesquisa direta (2017)

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 HISTÓRIA DO SALÃO DO ARTESANATO

O levantamento feito através de entrevistas de indivíduos que atuaram diretamente e juntamente à gestão do empreendimento, foi levantado alguns pontos que serão esclarecidos para melhor entendimento da dinâmica do grupo pesquisado.

Com a finalidade de organizar e implementar o artesanato Cuiteense, a Secretaria de Assistência Social, implantou a Casa do Artesão em 2009, na qual estaria cadastrado mais de 80 artesãos, sendo que em torno de 20 artesãos participavam mais ativamente no funcionamento e demais atividades, vindo a formalizar uma associação com o objetivo de fortalecer o empreendimento, que a princípio funcionava em um prédio locado pela prefeitura na rua 7 de setembro. Na figura 4, imagem de reunião realizada pelo grupo para formalização da associação, em 2011.

Figura 4 - Artesãos da Casa do Artesão



Fonte: Casa do Artesão (2011)

Com o decorrer das atividades desenvolvidas foi relatado conflitos pessoais e desentendimentos políticos, que culminaram na separação da associação, formando um grupo informal. Atualmente a associação, quer voltar a fazer parte do grupo, no entanto, de acordo com as observações feitas durante a aplicação do formulário é percebido que este retorno não é aceito pelo grupo que dispõe de alguns integrantes que já fizeram parte da associação, os

quais frisam interesse pessoal por parte dos associados em expor seus trabalhos e acrescentando ainda que a associação não trouxe nenhum benefício para o grupo. Sendo enfatizado o interesse na entrada de novos membros no grupo, mas não necessariamente da associação. As figuras 4 e 5 , apresenta as artesãs que fazem parte do Salão do Artesanato.

Figura 5 - Artesãs do Salão do Artesanato



Fonte: Pesquisa direta (2017)

O CRAS, Centro de Referência da Assistência Social juntamente à Secretaria da Assistência Social, vem realizando reuniões desde janeiro de 2017, com a finalidade de trabalhar as relações interpessoais dentro do grupo, vislumbrando um maior entrosamento e união.

Figura 6 - Artesãs do grupo



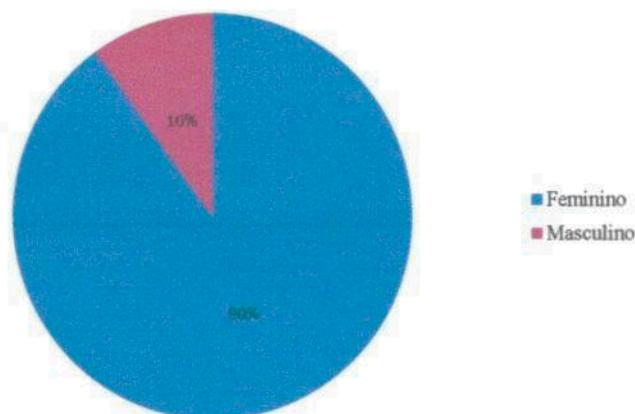
Fonte: Pesquisa direta (2017)

De acordo com a equipe, alguns indivíduos já apresentam alguns pontos positivos, como um maior entusiasmo e interesse em relação aos colegas e ao empreendimento. Porém, é necessário um trabalho à longo prazo, para que se quebre todos entraves, com a finalidade de que o grupo priorize o coletivo para o empoderamento das artesãs e artesão e consequente processo de construção da auto-gestão dentro do empreendimento.

4.2 PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS ARTESÃS E ARTESÃO DO SALÃO DO ARTESANATO

Nesta etapa da pesquisa é apresentado o perfil socioeconômico das artesãs e artesão do Salão do Artesanato. As primeiras perguntas do referido formulário, tratam respectivamente dos dados pessoais do público alvo da pesquisa como sexo, nível de escolaridade, idade. A figura 7, refere-se ao gênero (sexo) dos artesãos. Como apresentado na figura 7, a maioria é do sexo feminino (90%), apresentando um indivíduo do sexo masculino que representa (10%).

Figura 7 - Sexo dos Artesãos

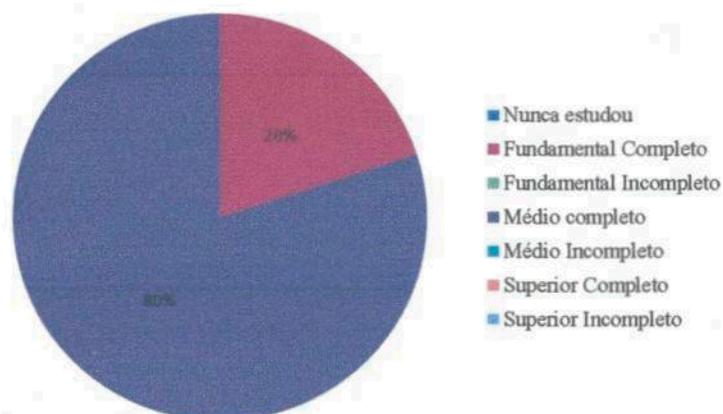


Fonte: Pesquisa direta (2017)

A representação feminina caracteriza-se positivamente, pois, a Economia Solidária e o Comércio Justo e Solidário, têm por finalidade inserir e garantir direitos, remuneração e relações justas de trabalho para os que se encontram marginalizados pelo sistema como mulheres, negros, desempregados, etc.

A figura 8 apresenta o grau de escolaridade dos entrevistados. Mostrando que todas as artesãs e artesão do Salão do Artesanato são alfabetizados, sendo que (80%) cursaram o ensino médio completo, (20%) têm como grau de instrução o ensino fundamental completo.

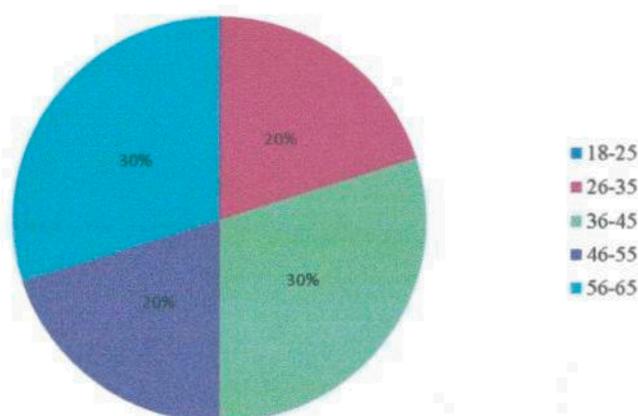
Figura 8 - Grau de escolaridade



Fonte: Pesquisa direta (2017)

Pode-se observar na figura 9, que os artesãs e artesão do Salão do Artesanato apresentam faixa etária diversificada. Não apresentando artesãos na faixa etária entre 18 -25 anos. Entre 26 - 35 anos corresponde o percentual de 20%; 36 - 45 anos (30%); 46 - 55 anos (20%); 56 - 65 anos (30%), respectivamente.

Figura 9 - Faixa etária dos artesãos

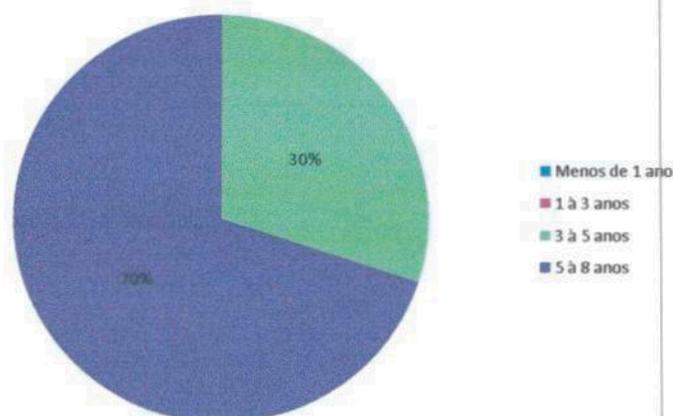


Fonte: pesquisa direta (2017)

Conforme pergunta 4 do referido formulário, quanto á forma de organização do empreendimento, todos afirmam tratar-se de um grupo informal.

De acordo com a figura 10, em torno de 70% afirmam participação no grupo de 5 a 8 anos desde a implantação da Casa do Artesão em 2009, enquanto 30% de 3 a 5 anos.

Figura 10 - Tempo de participação no grupo

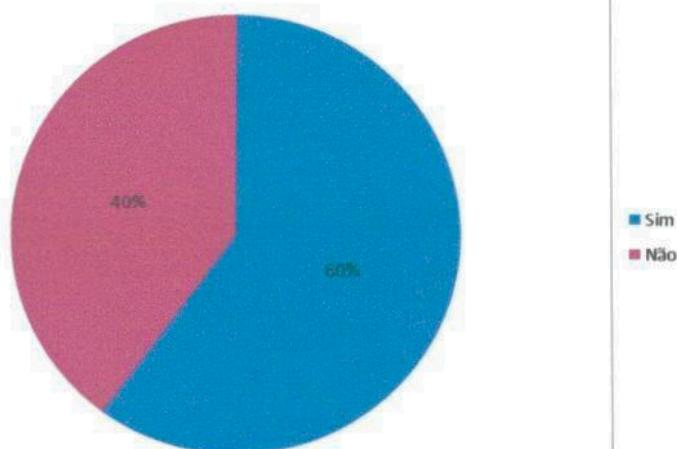


Fonte: pesquisa direta (2017)

Na sexta pergunta, indagado sobre a realização de outra atividade remunerada, 50% responderam não realizar outra atividade e os outros 50%, exercem outras atividades como auxiliar de professora, manicure, merendeira, padeiro.

Conforme a figura 11, as artesãs e artesão, em sua maioria (60%) afirmaram a participação em outro grupo, associação ou cooperativa.

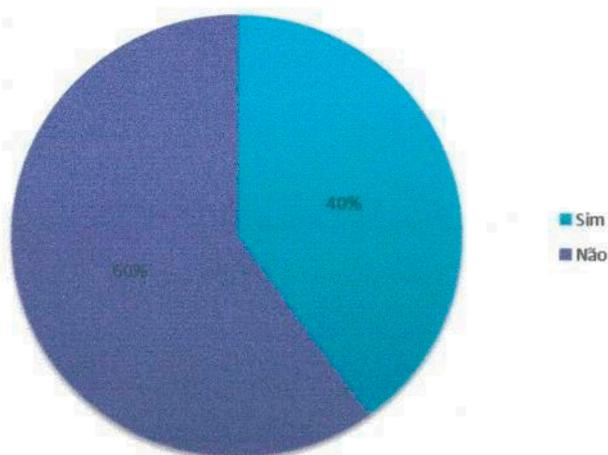
Figura 11 - Participação em outros grupos, associação, cooperativas



Fonte: pesquisa direta (2017)

Como apresentado na figura 12, o artesanato para 60% das artesãs e artesão do Salão do Artesanato não se apresenta como fonte principal de renda, o qual pode ser comprovado pelo exercício de outras atividades, conforme descrito nas respostas da sexta pergunta do formulário.

Figura 12 - O artesanato como principal fonte de renda



Fonte: pesquisa direta (2017)

O salão do Artesanato de Cuité/PB, em sua maioria é representado por mulheres, sendo todas alfabetizadas apresentando grau de instrução desde o ensino fundamental completo até o ensino médio e faixa etária diversificada entre os 26 e 65 anos.

A respeito, do papel, da participação e da força das mulheres, Madeiro (2013), faz o seguinte relato: [...] a força dessas mulheres tem se destacado em meio a tantas controvérsias e suas ações provocam transformação positiva tanto de cunho econômico, como de cunho cultural para suas vidas e para as comunidades em que se estabelecem.

Todas as artesãs e artesão do Salão do Artesanato afirmaram que o grupo é informal e que sua maioria atua junto ao grupo desde 2009, desde a implantação da Casa do Artesão. O artesanato não se apresenta como principal fonte de renda para os artesãos exercendo outras atividades como auxiliar de professora, manicure, merendeira, padeiro.

Conhecer a cadeia produtiva do artesanato é encontrar uma série de vantagens. Ela usa matéria-prima natural, incentiva a inserção da mulher e do adolescente em ações produtivas, e estimula a prática do associativismo (SEBRAE, 2016).

4.3 COMERCIALIZAÇÃO NO SALÃO DO ARTESANATO E O COMÉRCIO JUSTO E SOLIDÁRIO

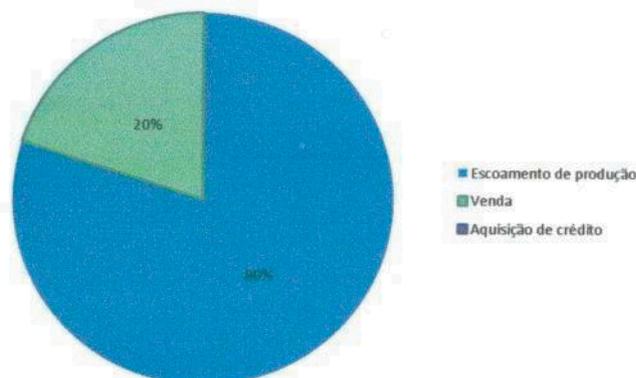
Em relação as perguntas 9 e 10, nas quais foi questionado a produção e divisão de tarefas dentro do grupo. Todos afirmam produzir individualmente as peças expostas no Salão do Artesanato. Também afirmam a divisão de tarefas dentro grupo principalmente relacionado aos horários de plantão dentro salão para a realização das vendas e funcionamento; sendo colocado por uma das artesãs a divisão nas tarefas de limpeza, organização e da contribuição de todos para a compra de material de expediente.

Para Singer (2005), a Economia Solidária lhes propõe a solidariedade como prática sistemática, cotidiana, embalado num relacionamento social e econômico especialmente construído para isso.

Questionados sobre como são tomadas as decisões dentro do grupo. Segundo, os artesãos as decisões dentro do grupo são tomadas coletivamente, mediante reuniões que acontecem conforme necessidade.

Como apresentado na figura 13, a maioria afirmou que a maior dificuldade do grupo está no escoamento da produção no que concerne à consolidação do empreendimento, sendo relatado por uma artesã que este ano, ainda não foi vendida nenhuma de suas peças. Em seguida é apontada as vendas dentro do salão por motivo da condição financeira da população e por ser realizada á vista, citando a facilidade do cartão de crédito.

Figura 13 - Dificuldade ou problema enfrentado pelo grupo para a consolidação do empreendimento



Fonte: pesquisa direta (2017)

Nas perguntas 13 e 14 foi perguntado como é feita as vendas e se há divisão de sobra dentro do empreendimento. Quanto à realização das vendas, todos afirmaram ser realizada coletivamente, quem está de plantão, vende qualquer peça exposta no salão, sendo a quantia revertida para o artesão que a produziu, não gerando sobras.

Arguidos sobre a valorização dos colegas e da comunidade sobre o trabalho que realizam, a maioria respondeu que se sente valorizado tanto pelos colegas como pela comunidade através de elogios direcionados à peça de artesanato produzida. A justificativa de como se sentem valorizados, as respostas serão explanadas em quadro conceitual.

Quadro 1 – Respostas dos indivíduos que se sentem valorizados pelos colegas e comunidade

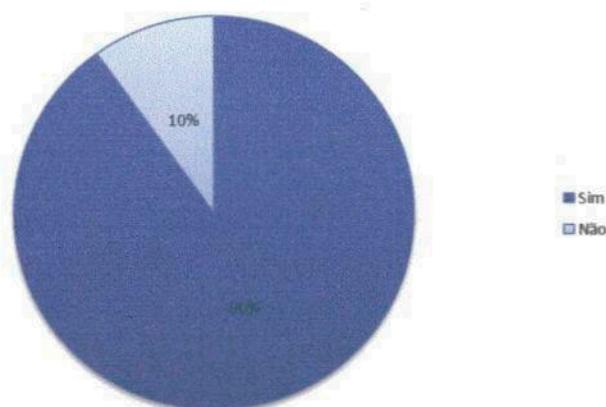
Respostas	Número de artesãos
Quando as colegas e a comunidade a parabeniza pelo trabalho.	2
Se sente valorizado pelas colegas, não pela comunidade.	2
Porque faz o que gosta.	1
Quando elogiam o trabalho.	4
Não justificou.	1

No comércio justo e solidário está incluso várias questões relacionadas à produção e a gestão do empreendimento e que envolve relações comerciais que demandam funções específicas e estratégicas que precisam ser fomentadas através de cursos, de capacitações, ou de outros recursos.

Desta forma, lidam com o desafio e o aprendizado constante que esta prática proporciona, pois, ao colocar na mesa as potencialidades e diferenças que o coletivo representa, muitas questões pertinentes às relações humanas, como diferenças de gênero, etnia, de idades, de saberes, ganham espaço para serem trabalhados de forma vinculada ao exercício da atividade econômica (PISTELLI, 2009).

A figura 14, trata da participação em curso de formação que visam o gerenciamento e crescimento do empreendimento, a maioria respondeu já ter participado de cursos e capacitações, (90%).

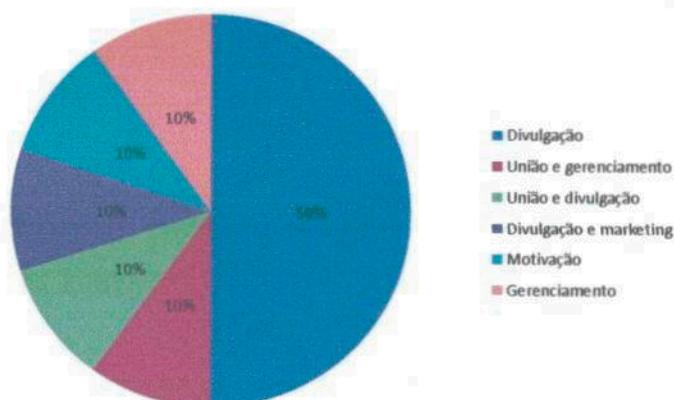
Figura 14– Participação em cursos de formação



Fonte: pesquisa direta (2017)

De acordo com a figura 15, é apresentado sugestões dos artesãos quanto as necessidades do empreendimento visando um crescimento econômico, social. Em sua maioria (50%), apresentam divulgação como requisito prioritário, em seguida representando (10%) dos dados coletados respectivamente, união e gerenciamento, união e divulgação, divulgação e marketing, motivação e gerenciamento.

Figura 15 - Necessidades do empreendimento



Fonte: pesquisa direta (2017)

A respeito da sustentabilidade e das relações estabelecidas na economia solidária e no CJS, Gadotti, (2009), enfatiza que:

A economia solidária é antes de tudo um processo contínuo de aprendizado de como praticar a ajuda mútua, a solidariedade e a igualdade de direitos no âmbito dos empreendimentos e ao mesmo tempo fazer com que estes sejam capazes de melhorar a qualidade de seus produtos, as condições de trabalho, o nível de ganho dos sócios, a preservação e recuperação dos recursos naturais colocados à sua disposição. O aprendizado se estende naturalmente também à prática de comércio justo entre os empreendimentos e aos relacionamentos solidários com fornecedores e consumidores, sem esquecer as práticas de participação na política e na cultura do país, da região, e do mundo.

As relações estabelecidas dentro do empreendimento do Salão do Artesanato, de acordo com os resultados obtidos predominam princípios essenciais da Economia Solidária que refletem na prática do comércio Justo e Solidário e que caracteriza o empreendimento como ponto fixo na comercialização. Apesar da individualidade está presente no processo de produção, a solidariedade, cooperação, democracia e valorização do ser humano são princípios presentes na realização das vendas e divisão de tarefas que caracterizam e são fundamentais na prática da Economia Solidária e do comércio justo e solidário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo do Salão do Artesanato, são indivíduos de grande potencialidade advindos do trabalho realizado e que de acordo com o perfil sócio econômico traçado a partir da pesquisa realizada com as artesãs e artesão, trata-se de um grupo informal, que em sua maioria é formado por mulheres com faixa etária diversificada e alfabetizadas.

A partir das características observadas e dados coletados, pode-se afirmar que nas relações firmadas entre as artesãos e artesão estão presente a solidariedade, o coletivismo, a democracia, como alicerces para a prática do Comércio Justo e Solidário.

Evidenciando-se que a auto-gestão ainda não é um fator preponderante dentro do grupo, apresentando muitas lacunas, quanto aos princípios da economia solidária e do comércio justo e solidário. Perfazendo a necessidade de capacitações que visem fortalecer os vínculos e fomentar o coletivismo, a união e auto-gestão, como prática cotidiana, com a finalidade do desenvolvimento pessoal e transformação social.

E juntamente a este plano de fortalecimento, se faz necessário algumas ações relacionadas a divulgação, sendo sugerido a criação de um portal de divulgação nas redes sociais que tenha por objetivo a ampliação de mercado, a participação em feiras de artesanato e desenvolvimento de ações relacionadas ao marketing.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Marcos. Redes, educação e Economia Solidária: Novas formas de pensar a educação de Jovens e adultos. In: KRUPPA, Sonia M. Portella (organização). **Economia solidária e educação de jovens e adultos**. Brasília: Inep, 2005.104p
- BRANDÃO, Pamela Medeiros de; SILVA, Raniere Moreira da; Francisco; FISCHER, Tânia. **Potencialidades do artesanato no desenvolvimento de destinos turísticos criativos e sustentáveis**. Disponível em : <<http://www.redalyc.org/pdf/3887/388743874016.pdf>>. Acesso em : 18/01/2017.
- Casa do artesão. Disponível em: <<http://cassadoartesao.blogspot.com.br/>>. Acesso em : 19/04/17.
- CHITI, Jorge Fernández. **Artesania, Folklore y Arte Popular**. Buenos Aires: Ediciones Condorhuasi, 2003. 312p.
- CUITÉ-PB: **Cidade se prepara para sediar 1ª Feira de Artesanato**. Disponível em : <<http://novapalmeiraoficial.blogspot.com.br/2013/06/cuite-pb-cidade-se-prepara-para-sediar>>. Acesso em: 19/04/17.
- CULTI, Maria Nezilda. **ECONOMIA SOLIDÁRIA: Incubadoras Universitárias e Processo Educativo**. Disponível em: <http://www.unitrabalho.uem.br/administracao/bd_artigos/arquivos/010614153016.pdf> Acesso em: 12/04/16.
- FACES DO BRASIL. **Portal de Comércio Justo e Solidário**. Conceito e características. Disponível em : <<http://facesdobrasil.org.br/comercio-justo-no-brasil/77-caracteristicas.html>>. Acesso em 03/01/16.
- FAVILLA, Clara; BARRETO, Luciana; REZENDE, Renata. **Artesanato Brasil**. Brasília : Sebrae, 2016. 188 p. Disponível em : <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/dfad41051c6d27627519027375a462c0/\\$File/6078.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/dfad41051c6d27627519027375a462c0/$File/6078.pdf)>. acesso em: 03/01/17.
- GADOTTI, Moacir. **Economia solidária como práxis pedagógica**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. - (Educação popular).

GIL, Antonio Carlos. **Como classificar as pesquisas?** In: Como elaborar os projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed. São Paulo. Editora Atlas, 2008.

LEFF, E. **Saber ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** Tradução de: Lúcia Mathilde Endlich Orth. 6ª ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

MADEIRO, Elbanneide Bezerra de. Economia Solidária com toque feminino: O caso da Associação Comunitária Mulheres do Piranhas. In: MORAIS Crislene Rodrigues da Silva; MOREIRA, Juliana F. **Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária.** Polo V – UFCG – Pombal. RDS editora. Fortaleza, 2015.

MOESCH, M. A. **Produção do Saber Turístico.** Contexto. São Paulo, 2000.

MTE/SENAES. **Política Nacional de Economia Solidária.** Volume 5 Termo de Referência. Apoio ao sistema nacional de comércio justo e solidário por meio do reconhecimento de práticas de comércio justo e solidário. Disponível em : <<http://trabalho.gov.br/images/Documentos/EconomiaSolidaria/ComercioJusto.pdf>>. Acesso em : 16/01/2017.

OLIVEIRA, Nestor Braz de. **Cooperativismo: guia prático.** Porto Alegre: Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos, 1979, 273p.

PISTELLI, Renata. Mercado para quem? Por uma comercialização a favor da transformação social. In: BEZERRA, Aída e outros. **Economia dos setores populares: pensamentos, ferramentas e questões.** Cartase coletiva de comunicação. Porto Alegre, 2009. 112p.

Presidência da República - Casa Civil. **Decreto 7.212 de 15 de Junho de 2010.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7212.htm>. Acesso em: 10/01/17.

REDE SUSTENTABILIDADE. **Descobrimos Valores e Competências Essenciais.** Disponível em : <<https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/rs-arquivos-uteis/Forma%C3%A7%C3%A3o/valores-e-competencias+formatado.pdf>>. Acesso em : 11/01/17.

RODRÍGUEZ, César. À procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, capítulo 8, 2005. – (Reinventar a emancipação social: para novos manifestos; 2).

SANDRONI, P. **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller, 1999.

SINGER, Paul. A Economia Solidária como ato pedagógico. In: KRUPPA, Sônia M. Portella (org.). **Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, Inep: 2005. 104p.

_____. **Economia solidária no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Introdução à Economia Solidária**. SP: Fundação Perseu Abramo, 2002a.

SEBRAE. Termo de referência: Atuação do Sistema SEBRAE no artesanato. Brasília, 2010.

Disponível em: :
<[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/4762969DAC2E2FBC8325770E005416FC/\\$File/NT00043F22.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/4762969DAC2E2FBC8325770E005416FC/$File/NT00043F22.pdf)>. Acesso em : 12/01/17.

SENAES. **Dez anos de Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES)**, 2013.

Disponível em: :
<http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/bmt56_econ02_dez_anos.pdf>. Acesso em : 23/01/2017.

ZACARIAS, Rachel. Cap. IV. Sociedade e consumo e as iniquidades sócio ambientais dos atuais padrões de produção e consumo. In: Loureiro, C. F. B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R. S.de. (orgs). **Repensar a educação ambiental: Um olhar crítico**. São Paulo: Cortez, 2009.

APÊNDICE (A)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG

INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS
SOLIDÁRIOS (CAMPUS – IV – CUITÉ –PB.

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM
ÊNFASE EM ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAÍBANO

DISCENTE: NAÍZA IZABEL SOARES DE PONTES

Apresentação e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Naíza Izabel Soares de Pontes, sou pós-graduanda **ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAÍBANO** da Universidade Federal Campina Grande- UFCG - POLO IV- CUITÉ/PB e juntamente com minha orientadora Crislene Rodrigues da Silva Moraes, estamos realizando um estudo que pretende identificar princípios da Economia Solidária na produção, comercialização e gestão do empreendimento, levantando prioridades como: necessidades e potencialidades do grupo, advindas da gestão e demais atividades executadas, para o maior desenvolvimento e crescimento dos indivíduos e do empreendimento. O trabalho intitulado: **ANÁLISE DOS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NAS ATIVIDADES DE PRODUÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E GESTÃO NO SALÃO DO ARTESANATO DE CUITÉ/PB**. Para a realização deste trabalho contamos com sua preciosa colaboração e disponibilidade em responder algumas perguntas que não lhe trará qualquer risco, desconforto ou comprometimento, autorizando-nos a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, liberando a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências). No trabalho escrito só aparecerão as respostas dos entrevistados de forma que ninguém conseguirá identificar sua origem porque usaremos nomes fictícios. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo pode entrar em contato diretamente com a orientadora deste, Profa. Crislene Rodrigues da Silva Moraes, pelo telefone (83) 99382-1112 ou comigo (83) 99807-5528. Fui esclarecido (a) sobre a pesquisa; e declaro que as perguntas foram respondidas por mim.

Cuité, _____ de _____ 2017.

Assinatura: _____

APÊNDICE (B)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG

INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS
SOLIDÁRIOS (CAMPUS – IV – CUITÉ –PB.

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM
ÊNFASE EM ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAÍBANO

DISCENTE: NAÍZA IZABEL SOARES DE PONTES

FORMULÁRIO

I - DADOS PESSOAIS:

- 1- SEXO () masculino () feminino
- 2- Qual seu grau de escolaridade? () nunca estudou () fundamental incompleto
() fundamental completo () médio incompleto () médio completo
() superior incompleto () superior completo
- 3- Qual a sua faixa etária? () 18 a 25 anos () 26 a 35 anos () 36 a 45 anos
() 46 a 55 anos () 56 a 65 anos
- 4- Como estão organizados? () associação () grupo informal () cooperativa
- 5- Há quanto tempo participa do grupo? () de 5 a 8 anos () de 3 à 5 anos
() de 1 à 3 anos () menos de 1 ano
- 6- Realiza outra atividade remunerada? Se, sim qual atividade?
() Sim () Não _____
- 7- Já participou de outro grupo, associação, cooperativa?
() Sim () Não
- 8- O artesanato apresenta-se como principal fonte de renda?
() Sim () Não

II - ORGANIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

9- Como é realizado a produção dos trabalhos realizados no grupo?

Individualmente Coletivamente

10- Há divisão de tarefas dentro do grupo? Se sim, como é feita?

Sim Não _____

11- Como são tomadas as decisões e soluções de dificuldades cotidianas dentro do grupo? Individualmente Coletivamente

12- Qual a maior dificuldade ou problema enfrentado pelo grupo para consolidação do empreendimento? escoamento da produção venda aquisição de crédito

13- Como é realizado a venda do artesanato? Individualmente Coletivamente

14- Há divisão da sobra dentro do empreendimento?

Sim Não

15- Você se sente valorizado dentro do grupo e pela comunidade pelo seu conhecimento e trabalho? Justifique sua resposta. Sim Não

16- Já participou de algum curso de formação que tenha o objetivo de crescimento e gerenciamento do empreendimento? Sim Não

17- Do que o grupo e o empreendimento precisam para que haja um crescimento profissional, econômico e pessoal? _____
